



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação,
Gestão, e Ciência da Informação
Os desafios do profissional da informação frente às tecnologias e suportes
informacionais do século XXI: lugares de memória para a biblioteconomia
18 a 24 de julho de 2010

FOTO-FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS PESSOAIS: olhar do estudante de
Biblioteconomia da UFPE¹

Ruhana B. da S. Araújo^{*}
Renata J. de Santana^{**}
Tatiane Vieira Gonçalves^{***}
Diego A Salcedo^{****}

Resumo: Este artigo trata acerca da aplicação de técnicas arquivísticas nos acervos fotográficos pessoais dos discentes do curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal de Pernambuco. A hegemonia das informações imagéticas, enquanto um dos principais recursos cognitivos, e a quantidade crescente de pesquisas com relação às imagens são duas características marcantes das sociedades contemporâneas. Faz-se necessário refletir sobre a fotografia, a sua arqueologia, mas, também, experimentar procedimentos que viabilizem a sua organização, representação e recuperação. Refazer o percurso de um acervo fotográfico pessoal é uma tarefa essencial à re-elaboração dos conhecimentos, das identidades e das memórias dos sujeitos-objetos. Propôs-se, como objetivo do trabalho, diversos encontros entre os discentes do curso, para que fossem realizadas a avaliação, a seleção e a organização das fotografias pessoais, de modo que permitiu-se visualizar a relação orgânica existente entre os acervos fotográficos. Utilizou-se uma metodologia pedagógica de leitura do referencial teórico, além de discussões em grupo, identificação documental e aplicação de algumas técnicas arquivísticas, tais como: descrição, classificação, arranjo e armazenagem. A conclusão dos trabalhos foi extremamente satisfatória, tanto no que diz respeito a competência técnica adquirida pelos discentes com relação a organização dos seus arquivos fotográficos pessoais, quanto com a criação da possibilidade da recuperação das memórias pessoais de maneira mais eficaz e efetiva.

Palavras-chave: Fotografias Pessoais. Memória. Organização da Informação. Representação da Informação. Técnicas Arquivísticas.

¹ Comunicação Oral apresentada ao GT n° 3 - Representação da Informação

^{*} Universidade Federal de Pernambuco. Dept° de Ciência da Informação. Graduanda no 5° período do Curso de Biblioteconomia. E-mail: ruhanab@gmail.com

^{**} Universidade Federal de Pernambuco. Dept° de Ciência da Informação. Graduanda no 5° período do Curso de Biblioteconomia. E-mail: renatinhasantana@gmail.com

^{***} Universidade Federal de Pernambuco. Doutorando no PPGCOM/UFPE. E-mail: w159444x@gmail.com

^{****} Universidade Federal de Pernambuco. Doutorando no PPGCOM/UFPE. E-mail: w159444x@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo trata-se de um relato da experiência dos estudantes de biblioteconomia da UFPE haja vista a conclusão da disciplina *Técnicas de Arquivo*, ministrada pelo professor Diego Salcedo, no ano de 2009.

Para cumprir o objetivo do trabalho, a aplicação de técnicas arquivísticas em acervos fotográficos pessoais, foram realizados diversos encontros entre os discentes do curso, para que fossem realizadas a avaliação, a seleção e a organização das fotografias pessoais, de modo que se permitiu considerar a relação orgânica existente entre os acervos fotográficos.

A preservação das fotografias é uma forma de manter resguardada a memória, permitindo que futuras gerações tenham acesso à história contextualizada na imagem, a qual nenhum texto poderia retratar. Característica inexorável das sociedades contemporâneas, os recursos visuais, de comunicação se tornaram uma das principais ferramentas para o resgate à memória histórica de instituições como o estado, a igreja e também, a família.

Ressaltando a importância das foto-fragmentos, faz-se necessário refletir sobre a fotografia, a sua arqueologia, mas também, experimentar procedimentos que viabilizem a sua organização, representação e recuperação. Recompôr o percurso de um acervo fotográfico pessoal é uma tarefa essencial à re-elaboração dos conhecimentos, das identidades e das memórias dos indivíduos.

O resultado dos trabalhos foi extremamente satisfatório, tanto no que diz respeito à competência técnica adquirida pelos discentes, como também com relação à organização dos seus arquivos fotográficos pessoais. Através dos procedimentos arquivísticos que serão relatados neste artigo, foi possível verificar as possibilidades de recuperação das memórias pessoais, e ainda, a conseqüente preservação do registro da história-fragmento em suas respectivas foto-fragmentos.

2 FOTOGRAFIA: UM BREVE HISTÓRICO

A imagem fotográfica surgiu no século XIX no contexto da Revolução Industrial, onde o grande desenvolvimento tecnológico estava transformando a sociedade nas grandes capitais europeias e nos Estados Unidos. Numa época em que como cita Mauad (1990, p.437), “o surgimento do telégrafo, a invenção do telefone, da máquina a vapor, da lâmpada elétrica e dos automóveis criaram a idéia de um admirável mundo novo, repleto de certezas e possibilidades”.

Pela sua característica inovadora - sendo um instrumento de informação, de representação artística, pesquisa e também, por ter dado a possibilidade ao homem de congelar um momento, ter um fragmento do real - teve sua importância reconhecida pela sociedade, passando da modernidade à contemporaneidade. Com isso, a imagem artesanal foi sendo substituída pela fotográfica. Ela foi responsável pela ruptura do homem com as formas pré-fotográficas, como as pinturas, gravuras e desenhos, determinando assim, um novo código visual e possibilitando ao mesmo, uma nova forma de preservação da sua própria imagem.

Neste contexto, a fotografia passou a ter uma função social, pois representou na imagem o que a sociedade vivia e ainda atuou como um meio de democratização do conhecimento, uma vez que, disseminava a informação. Para Kossoy (2001, p.26), “o mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; O homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica”. Já Sontag (1981) afirma que “com a fotografia, o ser humano saiu da caverna de Platão, passando a olhar com outros olhos a realidade”. A fotografia mostra história, a estética, os costumes, as práticas políticas, sociais e religiosas do indivíduo e da sociedade como um todo. Tornando possível através de estudos de uma foto-fragmento retratar o passado, conhecer as histórias, emoções e situações vividas por um povo e a partir de tais estudos compreender melhor o presente.

Segundo Brassai (1968, p.13):

A fotografia tem um destino duplo... Ela é a filha do mundo aparente, do instante vivido, e como tal guardará sempre algo do documento histórico ou científico sobre ele; mas ela é também filha do retângulo, um produto das belas-artes, o qual requer o preenchimento agradável ou harmonioso do espaço com

manchas em preto e branco ou em cores. Neste sentido, a fotografia terá sempre um pé no campo das artes gráficas e nunca será suscetível de escapar deste fato.

O primeiro registro da fotografia surgiu na França em 1839, com a imagem *A mesa posta* conseguida por Joseph Nicéphore Niépce, que por meio da mistura de várias fórmulas conseguiu fixar uma imagem positiva projetada no interior de uma câmara escura depois de oito horas de exposição. Mas, foi Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1857), que se tornou conhecido por ter desenvolvido o daguerreótipo - aparelho que era capaz de fixar imagens obtidas no interior de uma câmara escura, por meio de uma folha de prata sensibilizadora, sobre uma placa de cobre. Este aparelho teve grande impacto na história da gravação da imagem, além de ter dado origem ao verbo fotografar e ao adjetivo fotografado.

Mas a origem da fotografia estava sendo contestada pela Inglaterra, isso porque o físico inglês William Henry Fox Talbot (1800-1877) havia descoberto no mesmo tempo da invenção do daguerreótipo, seu processo de fixar imagens em diferentes materiais. Buscando assim, descobrir um sistema negativo-positivo - calótipo. Os dois processos de fotografia tinham valores distintos. Enquanto o daguerreótipo tinha uma aceitação maior pela elite e pela burguesia e sua qualidade de imagem era maior, o calótipo, a princípio, era rejeitado por oferecer uma imagem de menor qualidade em relação ao outro método e por permitir que se fizessem várias cópias de uma mesma fotografia, o que deixava o seu preço mais baixo e sua técnica vulgarizada pela elite.

No entanto, com o passar do tempo o aparelho de Daguerre por oferecer apenas uma única reprodução da imagem, entrou em declínio. Enquanto o calótipo por viabilizar várias cópias passou a ser a base da fotografia moderna. Como consequência, a classe média passou a fazer mais uso da imagem fotográfica o que aumentou a produção de retratos e o número de fotógrafos. Influenciando no aperfeiçoamento das industriais de equipamentos e materiais sensíveis, até que os equipamentos foram ficando portáteis e com uma tecnologia mais avançada.

A fotografia mudou a maneira que se encarava a produção artística, o que gerou uma cultura de massa.

A fotografia trazia em si vários aspectos democratizantes. Primeiro, um número muito maior de pessoas podia empreender uma aventura, antes restrita a uma elite: a transformação de suas emoções seus pensamentos, seu modo de ver numa imagem passível de ser difundida, analisada e criticada. [...] Em segundo lugar, a fotografia tornou possível a qualquer pessoa a posse de imagens, e de

início assumiu importância decisiva a posse da sua própria imagem-seu retrato. (KUBRUSLY, 1991, p.10-11).

3 FOTO-FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS PESSOAIS

O homem sempre buscou formas de guardar suas lembranças, registrar momentos vividos, ter um elo entre o passado e o presente, fragmentar o real. A fotografia lhe deu esta possibilidade. Poder reviver o passado, analisar através de uma única imagem o vestuário, a arquitetura, o momento histórico de uma época. Dentro do ambiente familiar, a imagem fotográfica é objeto de recordação, uma marca do real, é um meio de reconstrução do passado.

Capturadas de forma descontínua e fragmentária, e agrupadas em álbuns de família, as fotografias se transformaram em fios condutores das memórias familiares. Representando, por vezes, o último elo com um tempo já distante, elas ajudam a articular passado e presente, recuperando vínculos entre sucessivas gerações. São as fotografias que possibilitam, em última instância, a continuidade visual do passado. (SUTIL, 2008).

A fotografia familiar além de ser uma memória da família é também um documento histórico que retrata a cultura de uma época.

É indiscutível a importância da fotografia como marca cultural de uma época não só pelo passado ao qual ela nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona. Um passado que revela, através do olhar fotográfico, um tempo e um espaço que fazem sentido. Um sentido individual que envolve a escolha efetivamente realizada e um coletivo que remete o sujeito a sua época. A fotografia, assim compreendida, deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo. (MAUAD, 1990, p.437)

O ser humano tem a imagem fotográfica como um espelho. Ao se ver nessa imagem ele se dar conta da passagem do tempo. Quem nunca olhou um álbum de fotografias pessoais e se emocionou ao relembrar momentos felizes, amigos que fizeram parte de sua trajetória, familiares queridos que não fazem mais parte do seu convívio.

No culto da lembrança dos seres queridos, afastados ou desaparecidos, o valor de culto das imagens encontra seu último refúgio. Na expressão fugidia de um

rosto humano, nas fotos antigas, pela última vez emana a aura. É isto que lhes empresta aquela melancólica beleza, que não pode ser comparada a nada. (BENJAMIN, 1978, p. 220)

Assim, como assina Benjamin, fica clara a concepção da fotografia como uma lembrança, uma maneira de estar próximo - por meio de uma realidade fragmentada - de pessoas que não estão mais presentes. Para Salcedo (2010, p. 16) o estar próximo resulta, também, da análise do fragmento:

perceber em cada artefato uma possível arqueologia do documento. Estudar sua origem documental, mas, também, as práticas discursivas que o fazem ser o que é, em determinado momento histórico. Perguntar o que ele tem a dizer. Tocar e aceitar a sua tessitura. Tudo isso são formas interligadas de conhecer a imagem. [...] que me traz conhecimento, me diz algo sobre o mundo, sobre os Outros, sobre aquilo que não está sendo dito e sobre mim. Olho a efeméride, o fato, o fragmento e vejo, às vezes, um passado com os olhos de hoje. É meu direito. Mas sem esquecer os limites de onde estou e falo, é, também, o meu dever.

Diante da importância das fotografias pessoais, que têm um grande valor histórico, sentimental, e ainda atua como disseminadora de informação, uma vez que carrega consigo um contexto e que fazendo-se uma análise do ambiente que foi tirada, das pessoas que foram retratadas, do fotógrafo, da técnica utilizada, do estilo das roupas, acessórios, entre outros, podemos ter as características de uma época, é que se fazem necessárias técnicas de arquivo especializadas para este tipo de documento.

Dando destaque as fotografias pessoais (que é o escopo do presente artigo), e onde as práticas adequadas de preservação passam muitas vezes despercebidas o que conseqüentemente acarreta na deteriorização do documento (neste caso a fotografia). Dentre os fatores que danificam os documentos temos: o armazenamento inadequado, materiais de acondicionamento impróprios, e práticas de manuseio incorretas.

Quando se fala de ambientes de armazenamento tem que se ter em mente a umidade relativa (UR) e a temperatura. Os altos níveis de UR estimulam reações químicas prejudiciais. E quando estão acima de 60% aumenta a probabilidade da germinação de esporos de fungos. Já os níveis baixos de UR podem causar a deformação física das fotografias. Quando está abaixo de 30% a camada aglutinante e o suporte podem ressecar, causando rachaduras, delaminação ou um estado quebradiço generalizado.

Para manter a fotografia bem acondicionada é preciso que seja feita a monitoria da umidade relativa dentro do ambiente e também a monitoração da iluminação. Dentre estes fatores que podem deteriorizar as fotografias ainda existem os fatores biológicos que podem ser um fungo, um inseto e até um roedor. Para manter a coleção fotográfica longe desses fatores biológicos é preciso que se tenha cuidado com as condições de armazenamento. O ambiente tem que ter uma boa condição de limpeza e sempre está sendo supervisionado.

Todo o cuidado para a preservação da memória fotográfica pessoal é pouco diante da informação que o documento contém. A partir do momento que a foto é conservada e armazenada seguindo técnicas adequadas, a recuperação da mesma é feita de maneira eficaz e tudo o que ela representa (seja um objeto de lembrança para uma pessoa, ou seja, uma fonte histórica para um pesquisador) é mantido para as futuras gerações. É preciso que se tenha a consciência de que uma foto é mais que uma imagem, ela é o registro de um momento vivido e que irá constituir uma riquíssima fonte histórica.

O conhecimento das imagens, de sua origem, suas leis é uma das chaves do nosso tempo. [...] É o meio também de julgar o passado com olhos novos e pedir-lhe esclarecimentos condizentes com nossas preocupações presentes, refazendo uma vez mais a história à nossa medida, como é o direito e dever de cada geração. (FRANCASTEL, 1972).

4 METODOLOGIA

Durante as aulas da disciplina *Técnicas de Arquivo* ministradas pelo professor Diego Salcedo, no segundo semestre de 2009, na UFPE, tivemos acesso não somente às técnicas, mas também às finalidades, espécies e funções de um sistema arquivista.

Os princípios arquivistas admitem diversos métodos para atender as premissas básicas que carecem os documentos em um sistema de arquivo. Em outras palavras, diversas são as técnicas empregadas durante o processo de arquivamento de um determinado material. Tais escolhas vão depender de fatores como o tipo do documento e a finalidade do mesmo.

Visto isso, pudemos observar a grande incidência, entre os teóricos do assunto, em deter-se em explicações sobre os tipos mais comuns de arquivo, geralmente institucionais. As grandes explicações sobre sistemas arquivistas contemplam, em sua maioria, os arquivos particulares (de

empresas privadas), e os arquivos públicos (de órgãos das esferas municipais, estaduais e federais).

Não obstante, a partir da hipótese de que as técnicas de arquivo também podem ser empregadas com sucesso no ambiente doméstico foi concebido este trabalho. Chegando neste ponto, partimos em busca do entendimento acerca do conjunto de informações gerados dentro da esfera domiciliar. Nesse sentido, colocamos em questão a validade de algumas informações enquanto documento.

O documento se caracteriza como o registro da informação independentemente da natureza do suporte que a contém. Dessa forma, os alunos trouxeram à sala de aula os mais diversos exemplos de documentos domésticos, tais como conta de luz, água e outros, comprovante de pagamento dessas contas, certidões originais de nascimento, casamento e óbito, cartas de familiares, além de diplomas, contra-cheques e, sobretudo, fotografias.

Após essa exposição que demonstrou a gama de documentos produzidos no ambiente doméstico, optamos pelos registros fotográficos para realizar as técnicas arquivistas. As fotografias apresentaram, sem dúvida, o número maior de produção de informação.

Ainda no formato impresso (advindas de máquinas analógicas) ou reveladas a partir de máquinas digitais e celulares com câmera, as fotos comprovaram que seu caráter documental é, além de forte, valorizado e estimado pelas famílias.

Nesse sentido, entendemos que elas precisam, enquanto documento de família receber tratamento de um arquivo especializado (doméstico), afim de melhor recuperar a informação mnemônica (a imagem subjetiva), e também o suporte dessa imagem (o papel fotográfico).

Para tanto, após a divisão dos alunos em equipes, expusemos para a sala que decidimos, então, trabalhar com o nosso próprio acervo fotográfico. Em grupo, discutimos sobre quais fotos iríamos trabalhar. É muito comum as fotografias domésticas estarem agrupadas em álbuns. Contudo, todos nós possuíamos fotos que se encontravam espalhadas sem qualquer organização e conseqüente preservação. Algumas, expostas a todo tipo de claridade, apesar de serem recentes, apresentavam papel fotográfico amarelado, além de dobraduras nas pontas (extremidades) da borda.

O primeiro passo foi reunir todas as fotos soltas. Depois, decidimos que elas deveriam ser guardadas em um tipo de plataforma de fácil manuseio e com possibilidades de classificação. Decidimos pelas pastas classificatórias. As pastas possuem divisórias e são constituídas por um

material plástico. Durante a classificação, optamos por organizar as fotografias em ordem cronológica, posto que uma indexação excessivamente específica, como por assunto, exemplo “aniversários” se tornaria insatisfatória, haja vista que, como foi posto aqui, o nosso material era fotografias soltas, que na maioria das vezes, não fazia mais parte de um todo, de um tema geral, elas precisariam funcionar sozinhas. Nesse sentido, escolhemos separá-las pelo ano de cada fotografia.

Com um esforço da nossa memória e com ajuda também dos familiares, datamos as fotos e percebemos que todas elas tratavam de eventos num tempo de dez anos. Dentro das pastas classificatórias, estabelecemos dessa forma, uma linha do tempo que compreendia os anos de 1999 a 2009, e então, para finalizar, pusemos cada foto em sua respectiva classificação, como se pode ver nas imagens abaixo:



Figura 1: Foto-fragmentos desorganizados (antes)

Fonte: acervo pessoal dos autores



Figura 2: Foto-fragmentos organizados (depois)
Fonte: acervo pessoal dos autores

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preeminência do conhecimento imagético, como um dos recursos cognitivos básicos e as pesquisas que vem sendo desenvolvidas em relação à imagem são características importantes na atualidade. A imagem fotográfica, por exemplo, é hoje um dos principais meios de comunicação humana.

Por meio da fotografia cria-se um “arquivo de vida”, com o registro de todos os momentos percorridos importantes, sejam de caráter precisamente pessoal ou de caráter coletivo, na perspectiva particular ou profissional. Os acervos pessoais de foto-fragmentos são a memória, a história de períodos vividos. Percebe-se a importância de preservar isso como forma de manter viva a cultura ou as lembranças dos nossos antepassados.

As imagens fotográficas têm sido usadas em documentos técnico-científicos, em vários tipos de mídias, como componente da elaboração de matérias informativas, e tem aumentado, especialmente, nos últimos anos com o advento da tecnologia digital fotográfica e a facilidade de armazenar imagens em bancos de dados disponíveis na internet. Assim, a recuperação adequada dessas imagens se tornou um fator preocupante para especialistas de múltiplas áreas do conhecimento, e em particular para os profissionais da informação, que tem como missão oferecer condições ideais de organização, armazenamento, e recuperação de informação.

Através das técnicas de arquivos percebemos a importância e a facilidade em cuidar dos documentos familiares, nesse caso, as fotografias domésticas impressas. As técnicas especializadas aplicadas garantem que os documentos, sobretudo, não se percam. A ação do homem ainda é a grande responsável pela perda e deterioração das imagens por não ser armazenada de forma adequada. A solução das pastas classificadoras nos mostrou, assim, ser uma possibilidade simples e acessível de remediar a dissolução da memória.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A Obra de arte na época de sua responsabilidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 220.

BRASSAI. **New York**. The Museum of Modern Art, 1968.

FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KUBRUSLY, Cláudio. **O que é fotografia**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de imagens**. *Informação e Sociedade*, João Pessoa. v. 11, n. 1. Disponível em: <www.ies.ufpb.br>. Acessado em: 4 maio 2010.

MARCONDES, Marli. **Conservação e preservação de coleções fotográficas**. Boletim do Arquivo, São Paulo. 2005. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao01/materia02/conservacao_de_colecoes.pdf>. Acesso em: 17 maio 2010.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem**: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. 1990. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

MITSI, Marcia Eléia Manha; SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira. **A fotografia como evidência histórica: retrato da família Mitsi**. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM, 2, 2009, Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Mitisi_Marcia%20Eleia%20Manha.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2010.

MUSTARDO, Peter; KENNEDY, Nora. **Preservação de fotografias:** métodos básicos de salvar suas coleções. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez., 2007.

SALCEDO, Diego Andres. **A ciência nos selos postais comemorativos brasileiros: 1900-2000.** 162 p. 2010. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia.** Rio de Janeiro, Arbor, 1981.

SUTIL, Marcelo Saldanha Baracho; GONÇALVES, Maria Luiza. **Fotos de estúdio:** imagens construídas. Rede da memória virtual brasileira. Disponível em: <<http://catalogos.bn.br/redememoria/fotosdeestudio.html>>. Acesso dia 5 maio 2010.